

EXPLORANDO AS NOVAS FRONTEIRAS DA AMAZÔNIA E AMAZÔNIA AZUL EQUATORIAL

Paulus H. Van Der Ven¹; Julio C. Coelho²; Elizabeth C. Vieira Machado³

¹ PETROBRAS EXPLORAÇÃO E PRODUÇÃO, RIO DE JANEIRO, BRASIL; ² PETROBRAS EXPLORAÇÃO E PRODUÇÃO, MANAUS, BRASIL; ³ PETROBRAS EXPLORAÇÃO E PRODUÇÃO, RIO DE JANEIRO

RESUMO: Quase um século de exploração das novas fronteiras da Amazônia continental, e quatro décadas de exploração da Amazônia Azul equatorial representam um imenso e épico esforço empresarial, logístico e humano na busca do petróleo. A Amazônia Verde brasileira compreende pelo menos oito bacias sedimentares conhecidas (Madre de Deus, Acre, Tacutu, Amazonas, Solimões, Marajó, São Luiz/Bragança/Vizeu, Barreirinhas) perfazendo mais de 1,3 milhões de quilômetros quadrados prospectáveis em território brasileiro. Foi um dos berços da exploração de petróleo no Brasil. Mesmo com perfuração de perto de duas centenas de poços, principalmente pela Petrobras, ainda é muito pouco conhecida. Ciclos de maior atividade foram pautados pelas ocorrências de petróleo em Nova Olinda, no Amazonas (1954), pelas importantes jazidas de gás do Juruá, no Solimões (1978) e, finalmente pela descoberta comercial de Urucu, em 1986. O complexo de Urucu representa um exemplo de implantação ambiental e socialmente responsável da produção de óleo e gás em área remota e totalmente isolada. Atualmente é o maior campo produtor em terra no Brasil. A chegada do gás de Urucu ao mercado no entanto, só acontece 24 anos depois, em 2010, devido principalmente a crescentes restrições ambientais e sociais. A Amazônia Azul equatorial, formada pela soma da Zona Econômica Exclusiva e o prolongamento da propriedade econômica do Brasil até 350 milhas marítimas da costa, constitui cerca de 1,5 milhões de quilômetros quadrados de cobertura sedimentar onde se situam as bacias sedimentares da Foz do Amazonas, a Bacia do Pará-Maranhão e a Bacia de Barreirinhas. Exploradas principalmente pela Petrobras a partir da década de 70, com breves incursões de empresas estrangeiras, foram investigadas por 113 poços. Por duas décadas ficaram sem atividade exploratória, e voltaram a ser objeto de investimentos sob o novo regime de Contratos de Concessão, quando Consórcios operados pela BP, Devon e Petrobras deram partida à pesquisa em águas profundas perfurando 3 poços na Foz do Amazonas e 2 em Barreirinhas. Quatro décadas de exploração, no entanto, resultaram em apenas duas ocorrências de maior importância como a descoberta de gás em Pirapema (Amapá), e de óleo leve no poço 1-PAS-11, no Pará. As bacias marítimas equatoriais mostram ter alta complexidade geológica que advém da natureza oblíqua/ortogonal da ruptura de Gondwana, que as diferenciam das bacias da costa sudeste brasileira. Destacam-se por altíssimas taxas episódicas de deposição associadas a escorregamentos gravitacionais em escala de bacia, e zonas de alta pressão. A ausência de depósitos evaporíticos não permite a aplicação do bem sucedido modelo do “pré-sal” nesta região, exigindo outros modelos geológicos para a descoberta de petróleo e gás. Neste momento, o Brasil se prepara para atingir patamares de produção da ordem de cinco milhões de barris por dia em 2020, provenientes principalmente do pré-sal, e com isso criar uma forte indústria nacional voltada para a energia. Neste contexto, é importante que se continue a explorar continuamente áreas de nova fronteira da Amazônia para garantir, a longo prazo, a sustentação da produção e do bem estar social do país.